

A FAMÍLIA E A SEXUALIDADE DE FILHOS(AS) AUTISTAS: O QUE A LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL OFERECE?

Thais Rodrigues de Carvalho Nascimento¹, Maria Alves de Toledo Bruns²

THE FAMILY AND THE SEXUALITY OF AUTISTAS CHILDREN: WHAT DOES NATIONAL
SCIENTIFIC LITERATURE OFFER?

LA FAMILIA Y LA SEXUALIDAD DE LOS(AS) NIÑOS(AS) AUTISTAS: QUÉ OFERECER
LA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL?

Resumo: A palavra “autismo” é derivada do grego “autos” com o sentido de “voltar-se para si mesmo”. As primeiras investigações do autismo iniciaram-se em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler, sendo estudado especificamente em 1943 pelo psiquiatra Léo Kanner, recebendo novas concepções a partir da década de 1980 com a chegada dos Manuais Diagnósticos e Estatísticos (DSM) e da Classificação Internacional de Doenças (CID), sendo classificado atualmente como Transtorno do Espectro Autista (TEA). O que a literatura nacional oferece para compreender a sexualidade do autista? Para responder a essa indagação foram realizadas uma Revisão Bibliográfica Sistemática e meta-análise nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As palavras-chave foram: “autismo”, “Educação Sexual”, “família” e “sexualidade”. Como resultados, foram encontrados sete trabalhos publicados – um pela SciELO e seis pela BDTD- sendo que dois foram excluídos por não serem relacionados à temática. Foram analisados cinco trabalhos na íntegra categorizados por eixos temáticos: familiares (3); professores (1); outros profissionais: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e professor especialista (1). Nota-se um número insignificante de estudos focando a sexualidade do autista. Essa realidade desvela a necessidade de investimento em formação profissional e multidisciplinar para orientar e dialogar com a família, escola, igreja e outras matrizes de sentidos acerca das manifestações afetivas/sexuais do autista.

Palavras-chave: Autismo. Educação Sexual. Família. Sexualidade.

Abstract: The word “autism” is derived from the Greek “autos” with the sense of “turning to oneself”. The first investigations of autism began in 1911 by psychiatrist Eugen Bleuler, being studied specifically in 1943 by psychiatrist Leo Kanner, receiving new concepts from 1980s with the arrival of Diagnostic and Statistical Manuals (DSM) and the International Classification of Diseases (ICD) and is currently classified as Autism Spectrum Disorder (ASD). What does national literature offer to understand autistic sexuality? To answer this question, it was made a systematic literature review and meta-analysis were performed in the following databases: Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). The keywords were: “autism”, “sex education”, “family” and “sexuality”. As a result, seven published papers were found - one by SciELO and six by BDTD - and two were excluded because they were not related to the theme. We analyzed five in full categorized by thematic axes: family members (3); teachers (1); other professionals: speech therapist, occupational therapist and specialist teacher (1). There is an insignificant number of studies focusing on autistic sexuality. This reality reveals the need for investment in professional and multidisciplinary training to guide and dialogue with the family, school, church and other matrices of sense about autistic affective/sexual manifestations.

Keywords: Autism. Sex education. Family. Sexuality.

¹ Psicóloga, mestranda em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP (Araraquara), integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade-vida-USP/CNPq. E-mail: thais.rcnascimento@gmail.com

² Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP (Ribeirão Preto) e no Programa de Educação Sexual da UNESP (Araraquara). Líder do grupo de Pesquisa Sexualidade vida-USP/CNPq. E-mail: toledobrun@uol.com.br

Resumen: La palabra “autismo” se deriva de los “autos” griegos como un sentido de “vuelta para ti”. Las primeras investigaciones sobre el autismo comenzaron en 1911 por el psiquiatra Eugen Bleuler, siendo estudiado específicamente en 1943 por el psiquiatra Leo Kanner, recibiendo nuevas concepciones desde la década de 1980 con la llegada de los manuales de diagnóstico y estadística (DSM) y la Clasificación Internacional de Enfermedades (ICD) siendo actualmente está clasificada como trastorno del espectro autista (ASD). ¿Qué ofrece la literatura nacional para comprender la sexualidad autista? Para responder a esta pregunta, se realizó una revisión sistemática de la literatura y un metanálisis en las siguientes bases de datos: Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Las palabras clave fueron: “autismo”, “educación sexual”, “familia” y “sexualidad”. Como resultado, se encontraron siete artículos publicados, uno por SciELO y seis por BDTD, y dos fueron excluidos porque no estaban relacionados con el tema. Analizamos cinco en categorías completas por ejes temáticos: miembros de la familia (3); profesores (1); otros profesionales: logopeda, terapeuta ocupacional y profesora especializada (1). Hay un número insignificante de estudios centrados en la sexualidad autista. Esta realidad revela la necesidad de invertir en capacitación profesional y multidisciplinaria para guiar y dialogar con la familia, la escuela, la iglesia y otras matrices de sentido sobre las manifestaciones afectivas/sexuales autistas.

Palabras clave: Autismo. Educación sexual. Familia. Sexualidad.

Introdução

O autismo é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que altera a comunicação verbal e não verbal; a socialização e os afetos; os comportamentos restritivos e repetitivos. A etimologia da palavra “autismo” é derivada do grego “autos” com o sentido de “voltar-se para si mesmo” (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

As primeiras investigações sobre o autismo iniciaram-se em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler, usando a palavra “autismo” para caracterizar a esquizofrenia. Em 1943, o psiquiatra infantil Leo Kanner estudou 11 crianças com isolamento social, preferência por objetos e ecolalias. Em 1971, o segundo Manual Diagnóstico e Estatístico (DSM-II) incluiu como esquizofrenia infantil. Em 1980, no DSM III foi classificado como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Em 1994, o DSM IV adotou os critérios da Classificação Internacional das Doenças (CID 10) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1993), que são: o autismo surge antes dos três anos de idade; há prejuízos nas áreas de interação social, comunicação, comportamento restrito e repetitivo (STELZER, 2010).

O DSM V categoriza o autismo nos Transtornos do Neurodesenvolvimento como o “Transtorno do Espectro Autista” (TEA). Esse espectro revela que os sintomas podem variar e as mesmas dificuldades se manifestam em graus de comprometimento distintos em cada sujeito. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Cunha (2012) revela as principais características da criança com autismo. São elas: ausência de sinais sociais e emocionais, de comunicação e de correspondência afetiva. Segundo esse autor, existem alguns sintomas principais que contribuem na identificação do transtorno:

Retrair-se e isolar-se das pessoas; Não manter contato visual; Resistir ao contato físico; Resistência ao aprendizado; Não demonstrar medo diante de perigos reais; Agir como se fosse surda; Birras; Não aceitar mudanças na rotina; Usar as pessoas para pegar objetos; Hiperatividade física; Agitação desordenada; Calma excessiva; Apego e manuseio não apropriado de objetos; Movimentos circulares no corpo; Sensibilidade a barulhos; Estereotípias; Ecolalias; Não manifestar interesse por brincadeiras de faz de conta; Compulsão (CUNHA, 2012, p. 28-29).

Foi a partir da Lei Berenice Piana, aprovada em dezembro de 2012, que o autista passou a ser considerado uma pessoa com deficiência para todos os efeitos legais (Lei n. 12.764/2012).

Em nossa sociedade, existe um discurso impróprio em relação às deficiências, em especial o espectro autista. Este está rodeado de estigmas e preconceitos desconsiderando aspectos de seu desenvolvimento físico, psíquico, emocional e sexual.

A sexualidade é inerente a todo ser humano. A partir de, Merleau-Ponty (1999, p. 219), entende-se que:

É a sexualidade que faz com que um homem/mulher³ tenha uma história. Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens.

É dessa perspectiva merleau-pontyana que a sexualidade não é só compreendida pelo aspecto fisiológico,

³ A palavra “homem” foi utilizada como definição de ser humano. Para atender o momento atual de visão de gênero optou-se em inserir “homem/mulher”.

mas se mostra de modo amplo, desvelando a sua temporalidade histórica que se expressa no meio social, cultural, político, religioso e midiático.

A sexualidade humana é um conjunto de afetos e cuidados, envolvendo sexo, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. Desde o nascimento, a sexualidade começa ser desenvolvida, está vinculada ao crescimento e a forma como o sujeito se relaciona com si mesmo e com as pessoas a sua volta. (BONFIM, 2012).

Como descrito por Bruns (2015, p. 1395, tradução nossa) em seu texto: “Dificultades del amor erótico en los lazos de inclusión”, o amor erótico “é um fenômeno instigante, arrojado, temido, enigmático, misterioso e muito complexo, experimentado por todos os seres humanos independentemente da sua condição cultural e física [...] é um fenômeno coletivo e transgeracional [...]”.

Essa realidade reflete a importância de ampliar o olhar entre os familiares e profissionais acerca das deficiências e a sexualidade. O aprisionamento em suas dificuldades e limitações não permite que as pessoas deficientes sejam vistas como seres de desejo, de escolhas, de decisões, independentemente de suas limitações (BRUNS, 2015). Bruns (2015) revela a necessidade de investir em políticas públicas saindo de um plano individual para um plano educacional, político, social e sexual, ampliando esse diálogo para o ambiente familiar e midiático como meio de estruturar novas vivências do amor erótico para sujeitos com ou sem deficiência.

Dessa trajetória de compreender a sexualidade do autista, indaga-se: o que a literatura nacional oferece para compreender esse fenômeno? A partir dessa indagação este estudo apresenta, mediante uma Revisão Sistematizada e meta-análise, as investigações científicas nacionais a respeito da sexualidade do autista.

Método

As estratégias metodológicas eleitas para este estudo foram a Revisão Bibliográfica Sistemática e a meta-análise proposta por Galvão e Pereira (2014). Trata-se de uma investigação focada e aprofundada que permite identificar, selecionar, avaliar e sintetizar os estudos relevantes sobre um fenômeno indagado.

As estratégias selecionadas para realizar a Revisão Sistemática foram: (1.) elaboração da pergunta de pesquisa; (2.) busca na literatura; (3.) seleção dos artigos; (4.) extração dos dados; (5.) avaliação da qualidade metodológica; (6.) síntese dos dados (meta-análise); (7.) redação e publicação dos resultados (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Foi realizada uma busca de estudos disponíveis *on-line* sobre autismo e sexualidade no período de outubro de 2018 a maio de 2019 nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As palavras-chave foram: “autismo”, “Educação Sexual”, “família” e “sexualidade”.

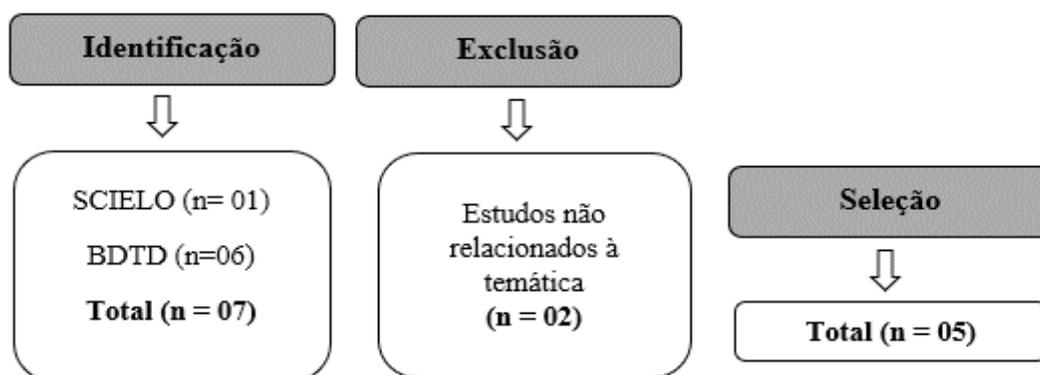
Os critérios de inclusão foram: (1.) todos os estudos completos que estivessem de acordo com as palavras-chave; e (2.) estudos nacionais. Foram excluídos os estudos que não se relacionavam à temática e os duplicados.

Após a seleção dos estudos, todos foram lidos na íntegra para apurar a pertinência deste com a temática em questão. Posteriormente foram identificados os eixos temáticos que surgiram a partir da leitura dos estudos.

Resultados e discussão

A Figura 1 apresenta o fluxograma de seleção dos estudos e extração dos dados. Os resultados foram: sete trabalhos publicados (um na SciELO e seis na BDTD) e dois excluídos não relacionados à temática, obtendo uma amostra final de cinco estudos.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos e extração dos dados para Revisão Sistemática



Fonte: as autoras (2019).

Quadro I – Categorização dos estudos eleitos para análise (n = 5)

Eixos temáticos	Descrição	Referências
Famíliares (3)	Buscou identificar como os pais, mães e cuidadores lidam com sexualidade da pessoa com autismo.	Amaral (2009), Vieira (2016) e DeTilio (2017)
Professores (1)	Trata-se de uma pesquisa com os professores para verificar como estes percebem a manifestação da sexualidade da criança com autismo.	Fieira (2017)
Outros profissionais: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e professor especialista (1)	Analisa as manifestações do transtorno, a atividade corporal como fator significativo do processo evolutivo do autismo e sua sexualidade.	Machado (2001)

Fonte: as autoras (2019).

Eixos temáticos

Famíliares (n=3)

No estudo de Amaral (2009), a autora buscou investigar como os pais (pai/mãe) consideram a sexualidade de seus(suas) filhos(as) adolescentes com TEA e como se caracteriza o funcionamento familiar na distribuição das tarefas e cuidado com o(a) filho(a).

A autora entrevistou três famílias com filhos autistas na idade de 15 a 18 anos. Os resultados do estudo revelaram a ausência de reconhecimento por parte dos pais da adolescência do filho autista e de sua sexualidade. Além disso, foi observado que a mãe é a principal cuidadora do filho, inclusive nas atividades de higiene pessoal.

Vieira (2016) teve como objetivo investigar as opiniões e ações de sete mães sobre a sexualidade de seus filhos com TEA. Os resultados foram: as mães têm dificuldade de conversar e praticar a Educação Sexual de seus filhos, afirmando não terem acesso a um material nesse assunto e não terem ajuda de profissionais, como professores e psicólogos. Os estigmas e preconceitos do diagnóstico fazem acreditar que seus filhos são prejudicados nos relacionamentos afetivos/sexuais.

Nos estudos de DeTilio (2017), o objetivo era investigar como a irmã cuidadora de um adulto de 35 anos de idade com TEA percebe sua sexualidade. Os resultados foram: pais/cuidadores/famíliares têm dificuldade de abordar a sexualidade e, mesmo que reconhecida, é vista com limitações, negada e até infantilizada. A cuidadora relatou a dificuldade familiar em relação à sexualidade do filho, rotulando-o como assexuado, mesmo percebendo as manifestações sexuais expressas no ato da masturbação.

Na perspectiva familiar, os estudos apontam a necessidade de: 1. intervenções direcionadas às famílias, oferecendo recursos para o enfrentamento da adolescência e a expressão da sexualidade de seus(suas) filhos(as) autistas; 2. apoio profissional e treinamento de habilidades sociais para potencializar o desenvolvimento do autista na expressão de sua sexualidade; 3. a escola oferecer apoio pedagógico e psicológico para a família em relação à sexualidade do(a) filho(a) autista; 4. conscientizar os autistas sobre a noção de público e privado para a prática da masturbação; e 5. publicações científicas sobre a sexualidade do autista.

Uma pesquisa recente de Nascimento e Bruns (2019) contribuiu com novos olhares sobre a família e a sexualidade de filho(as) autistas, revelando que os pais percebem a sexualidade de seus(suas) filhos(as) expressas nas mudanças físicas, psíquicas e emocionais da puberdade, no entanto, não sabem como orientá-los sobre as manifestações afetivas/sexuais. Nota-se que a Educação Sexual intrafamiliar é baseada nos cuidados com o corpo, orientando como os(as) filhos(as) devem reagir diante de acontecimentos biológicos, como, por exemplo, a primeira menarca, os pelos pubianos, a mudança na voz e todas outras características transformadas na puberdade como um fenômeno universal que atinge todos os seres humanos.

A Educação Sexual informal exercida pelos pais oculta na “fala do silêncio” a dificuldade de orientar/abordar diretamente sobre aspectos da sexualidade, atribuindo para a escola e outros meios de comunicação essa tarefa (BRUNS, 2009).

Professores (n = 1)

O estudo teórico analisado de Fieira (2017) trata-se de uma pesquisa realizada com os professores para verificar

como estes percebem a manifestação da sexualidade da criança com autismo. Logo, foi notado o quanto são desconhecidas algumas manifestações sexuais por perceberem o autista como assexuado, bem como pelo desconhecimento sobre a sexualidade infantil. A autora também relata como possível contribuição a Educação Sexual para os professores investigados com a intenção de sensibilizar o olhar para a criança com autismo em sua totalidade.

A escola é uma instituição de qualidade para desempenhar o papel da Educação Sexual, podendo contribuir nas indagações dos familiares, e no entendimento do desenvolvimento sexual da pessoa com deficiência, possibilitando que os pais percebam seus sentimentos de superproteção ou rejeição da sexualidade de seu(sua) filho(a) (BRUNS, 2009).

Outros Profissionais: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e professor especialista (n = 1)

O estudo de Machado (2001) contou com cinco participantes – quatro, do sexo masculino e uma do sexo feminino, todos com TEA – buscando analisar as manifestações do transtorno e os comportamentos evidenciados no autista, os materiais que facilitam o processo evolutivo mental, a imitação corporal e gestual como um processo evolutivo do autista e sua sexualidade. Os métodos utilizados foram: 1. entrevistas com pais e outros profissionais: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e professor especialista; 2. análise documental; e 3. observações diretas dos participantes nas sessões de terapia corporal/psicomotriz.

O estudo aponta que a sexualidade do autista ainda é vista com receio e as publicações bibliográficas ainda são escassas. Dos cinco autistas participantes da pesquisa, dois apresentaram atitudes exploratórias de masturbação. Machado (2001) acredita que a terapia pela via corporal despertou comportamentos, sentimentos e habilidades antes incompreendidas. A terapia corporal/psicomotriz permite reviver fases essenciais do desenvolvimento de crianças que foram diagnosticadas com prejuízos na expressão e/ou na comunicação, acreditando que é somente o corpo que pode sentir aquilo que não pode ser dito.

O estudo de Serra (2010) aponta a masturbação para o autista como meio de aliviar as tensões sexuais. Essa prática, sugerida por pesquisadores e profissionais da área, é, em sua maioria, inaceitável pelos pais, preferindo estes ignorar ou punir esse comportamento. Desse modo, é válido que os profissionais das diversas áreas que trabalham direta e indiretamente com o autista saibam informar e explicar sobre o ato da masturbação como um processo natural, individual e íntimo. Do mesmo modo, práticas de uma Educação Sexual formal podem ser sinalizadas para o autista e sua família, tais como: o cuidado com o próprio corpo, puberdade, adolescência, amor,

reprodução, gravidez, parto, relacionamento amoroso e tantos outros, como meio de prevenir, cuidar e orientar o autista no despertar de sua sexualidade.

Considerações finais

As discussões levantadas por intermédio da revisão bibliográfica sistemática permitiram a compreensão de como a sexualidade do autista é vista e orientada pela família, pelos professores e por outros profissionais. Nota-se um número insignificante de estudos focando a sexualidade do autista. Essa realidade desvela a necessidade de investimento em formação profissional e multidisciplinar para orientar e dialogar com a família, escola, igreja e outras matrizes de sentidos acerca das manifestações afetivas/sexuais do autista.

O corpo fala e sua fala vela e desvela a Educação Sexual recebida na família e na escola e essas matrizes cartografam tabus, mitos, estigmas, valores e normas de como expressar o desejo sexual (DAVI; BRUNS, 2017). A ausência de diálogos entre a família, os professores e outros profissionais permite que a “fala do silêncio” instaure uma repressão sexual, a qual dificulta a construção das primeiras noções do autista e sua sexualidade com início na infância, formada pela família e ampliada pelas matrizes de sentidos: a escola, a mídia, a ciência, a religião e a política.

Nesse sentido, apontam-se horizontes para novas pesquisas que visem a contribuir no desenvolvimento de estratégias e intervenções de uma Educação Sexual para o autista iniciando nas relações intrafamiliares e ampliada nas relações extrafamiliares. Todos(as) clamam por uma Educação Sexual inclusiva.

Referências

- AMARAL, C. E. S. *O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27825>. Acesso em: 20 out. 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtorno - DSM-V*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BONFIM, C. *Desnudando a educação sexual*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BRASIL. *Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro

Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, dez 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 20 nov. 2019.

BRUNS, M. A. T. Dificuldades del amor erótico en los lazos de inclusión. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. 2, p. 1395-1408, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/view/543/showToc>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRUNS, M. A. T. A pessoa cega: erotismo e a mídia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 20, n. 1, p. 173-177, 2009. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/erotismo>. Acesso em: 20 out. 2018.

CUNHA, E. *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.

DAVI, E. H. D.; BRUNS, M. A. T. Compreensão fenomenológico-existencial da vivência travesti. *Revista Nufen*, Belém, v. 9, n. 3, p. 57-77, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300005 Acesso em: 30 jul. 2019.

DETILIO, R. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, Montevideo, v. 7, n. 1, p. 36-58, mayo 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?lng=es>. Acesso em: 20 out. 2018.

FIEIRA, J. T. *O desenvolvimento psicosexual na criança com autismo no espaço educativo: um estudo empírico bibliográfico à luz da psicanálise*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 out. 2018.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222014000100183&lang=pt. Acesso em: 20 maio 2019.

MACHADO, M. L. S. *Educação e terapia da criança autista*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 out. 2018.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. *POLÊMICA Revista Eletrônica*, v. 9, n. 1, p. 40-56, 2010. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2693> Acesso em: 20 maio 2019.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. *Mundo singular: entenda o autismo*. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

STELZER, F. G. *Uma pequena história do autismo*. São Leopoldo: Associação Pandorga, 2010.

VIEIRA, A. C. *Sexualidade e transtorno do espectro autista: relatos de familiares*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 out. 2018.